

Piquenique sem brilho e essência

"Nós somos hospedeiros de um piquenique cinematográfico. O Festival de Brasília perdeu em essência, visão e brilho. É um festival de carregação, as pessoas vêm aqui se banhar nas piscinas dos hotéis. Não há debates, não há idéias, nenhum projeto cultural está por trás deste acontecimento".

Esta opinião pouco complacente da vigésima edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que começa hoje, é de um cineasta muito ligado à própria história do Festival: Vladimir Carvalho. Em 1971, o primeiro longa dirigido por Vladimir, **O País de São Saruê** estava com problemas na censura, mas mesmo assim foi inscrito e aceito pela Comissão de seleção para participar

Arquivo



da mostra competitiva do Festival. Havia uma tradição no Festival de Brasília daqueles tempos de fazer gestões junto à censura para que os filmes que ainda não tivessem sido liberados pudessem ser exibidos. A própria Fundação Cultural do Distrito

Federal, responsável pela organização do Festival, patrocinava estas gestões. Naquele ano, porém, o processo foi diferente. Quem conta é Vladimir:

"Na véspera do dia em que o filme estava programado para ser exibido, a Fundação Cultural modificou a programação e colocou no lugar de **São Saruê** o filme **Brasil Bom de Bola, Morou?** Era um filme sobre a Copa de 70 e que entrou para agradar ao Médici. Aquilo foi uma vergonha e desmoralizou

tanto a Fundação e o Festival que, o ano seguinte e até 73, houve uma paralisação".

Depois desta interrupção, segundo Vladimir, o Festival de Brasília nunca mais foi o mesmo. Nem mesmo após a instalação da chamada abertura democrática: "Não se retomou o espírito fundador do Festival e com a Nova República ou República de Aparecido, não aconteceu o que se esperava. Um festival que já foi um acontecimento importante na história cultural do País, que tinha à frente um homem como Paulo Emilio Salles Gomes, hoje está entregue a funcionários bem intencionados, apenas".

Para Vladimir Carvalho, não existe sentido em se fazer um festival em Brasília se houve um completo esvaziamento da cidade enquanto centro gerador de cultura, imposto pelos próprios órgãos que deveriam estimular o potencial criador da capital do País: "Neste sentido, as mudanças a nível de Fundação Cultural levaram a um caminho pior do que nos tempos da ditadura: não se assume nem o festival nem o processo cultural de Brasília e a Fundação Cultural se mostra insensível ao cinema espontâneo que se fez e se continua fazendo aqui. Neste festival, por exemplo, não há um prêmio para incentivar a produção local. Além disso, não se cria um concurso para financiar projetos locais que poderiam ativar um movimento não só para Brasília como para toda a região".

Apesar das críticas, nem por isso Vladimir se nega a dar sua contribuição, tendo participado da comissão de seleção: "Eu acho que dentro da mediania que está aí, tem o que se mostrar e tem que se mostrar porque afinal de contas é isso o País, o que nós somos e a cultura que nós temos. Dos filmes que vi, **O País dos Tenentes**, de João Batista de Andrade, mostrando o processo que desaguou na Revolução de 30 até o golpe militar de 64, é muito interessante, tem um clima de Garcia Marquez. E o **Leila Diniz**, de Luis Carlos Lacerda, pela anotação que faz do clima dos anos 60/70, mas com um toque um tanto nostálgico".